

GRAFITE: LINGUAGEM DE UMA MEMÓRIA SOCIAL

Isabela Assunção Reis (UNEB)

bella.reis@hotmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

mteixeira@uneb.br

RESUMO

No presente texto, tem-se como objetivo analisar a linguagem do grafite como registro e reprodução de uma realidade histórica e social que dá voz a uma população sistematicamente silenciada. O *corpus* investigado são três faixas produzidas pela Comunidade da Ladeira da Preguiça e utilizadas para manifestar sua insatisfação durante as atividades culturais propostas pela referida comunidade, que fica localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador. A fotografia, dispositivo analítico, registra discursos produzidos por sujeitos silenciados e neutralizados de identidade pelas práticas sociais. Estas faixas congeladas em fotografias desempenham o papel de memória discursiva que resgata o passado e o presente, com a repetição do lugar de produção dessa comunidade marginalizada e estabelecem relações de sentido, paralelismos entre espaço urbano e a identidade dos indivíduos, produzidos pela relação do imaginário social com o outro.

Palavras-chaves:

Grafite, Linguagem, Análise de Discurso.

1. Introdução

Na sociedade, para existir, é preciso interagir. A melhor forma de interação social é por meio da comunicação oral ou escrita. É através dos processos comunicativos estabelecidos pelo indivíduo, na dinâmica da vida em sociedade, que este externa suas ideias, suas impressões sobre o mundo à sua volta, se posiciona diante dos fatos e dos acontecimentos, gerando possíveis efeitos de sentido, sempre almejando alcançar o outro por meio da linguagem. Conforme afirma Benveniste (1989, p. 93), “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro”.

A cidade de Salvador, com sua diversidade e multiculturalismo, faz emergir sentido a cada esquina, a cada rua, a cada ladeira. Salvador tornou-se conhecida nacional e internacionalmente pelas igrejas, pelas festas populares, pela alegria de seu povo, pelos conjuntos arquitetônicos seculares, por sua topografia de sobe e desce das ladeiras reveladoras dediscursividades múltiplas, diretamente relacionadas com a história e

acultura de seu povo. Exemplo da materialidade discursiva da cidade são os grafites, que, nas últimas décadas, têm adquirindo espaço e destaque como linguagem urbana em diferentes lugares do mundo.

No presente texto, almeja-se analisar a linguagem do grafite como registro e reprodução de uma realidade histórica e social que dá voz a uma população sistematicamente silenciada. Para tanto, toma-se como objeto material de análise três faixas de grafites produzidas pela Comunidade da Ladeira da Preguiça e utilizadas para manifestar sua insatisfação durante as atividades culturais propostas por esta comunidade.

Benveniste (1989, p. 94) aponta a língua como espelho da sociedade isto porque “[...] reflete a estrutura social em suas particularidades e suas variações e que ela mesma por excelência revela o índice das mudanças que se operam na sociedade”. Assim sendo, ao analisar a língua, podem-se identificar indicadores sociais em sua manifestação. Todavia, cabe aqui destacar que algumas situações relevantes escapam aos linguistas, como, por exemplo, as condições de produção. Por isso, faz-se necessária a presença de um operador teórico que possa ampliar a visão daquele que observa os fatos de língua e, mediados por lupas mais especializadas, possa identificar fenômenos novos. A análise aqui proposta busca subsídios da Análise do Discurso de linha francesa filiada as Teorias pêcheutianas.

2. *A comunidade a Ladeira da Preguiça*

A Ladeira da Preguiça, sítio onde vive a comunidade, fica localizada no bairro do Dois de Julho, no Centro Histórico de Salvador, Bahia. Foi construída no século XVI por mão de obra negra e escravizada. Por muito tempo funcionou como principal via de acesso à região portuária e por onde circulavam as mercadorias vindas de além-mar para alimentar, vestir, decorar as residências e divertir os senhores que habitavam os suntuosos casarões ali existentes. Fazia a ligação entre a parte alta da cidade – onde viviam os que exerciam o poder político e econômico – a parte baixa onde estava a Alfandega do Brasil e a população responsável pela construção e desenvolvimento da cidade e, conseqüentemente, do estado e do país.

Em função da expansão urbana e o deslocamento das elites para outros espaços, o sítio da ladeira entrou no ostracismo, no esquecimento do poder público. Mas, na década de 70 do século XIX, volta a ganhar

destaque na sociedade através dos versos da música “Ladeira da Preguiça” de Gilberto Gil, que termina chamando a atenção da sociedade para a localidade. A letra da canção retrata a saudade e as memórias da sua terra, quando o compositor se encontrava exilado em Londres. A canção foi composta no ano de 1971, a pedido de Elis Regina, mas gravada somente no ano de 1973, no álbum “Elis”. Eis alguns versos da canção:

“Essa ladeira
Que ladeira é essa?
Essa é a ladeira da preguiça
Essa ladeira
Que ladeira é essa?
Essa é a ladeira da preguiça”

Atualmente, a comunidade que lá reside é marginalizada, vive sem a prestação dos serviços públicos e é vítima da gentrificação¹, processo de transformação de centros urbanos resultantes da mudança dos grupos sociais ali existentes, normalmente comunidade de baixa renda, para a entrada de moradores das camadas mais abastarda da sociedade. Em outras palavras, é um processo socioespacial e econômico que coage e expulsa moradores de determinadas regiões anteriormente desvalorizadas, mas em ascensão e valorização imobiliária. Normalmente, a expulsão dos moradores dá-se em nome de promessas de revitalização dos espaços que entrou em declínio em função do esquecimento do poder público que não assiste a comunidade com os serviços básicos como, por exemplo, coleta de lixo, limpeza das vias públicas, segurança.

Insatisfeitos com o processo de expulsão e esquecimentos a que estavam sujeitos, os moradores da localidade se unem e, em 2013, criam o Centro Cultura Que Ladeira é Essa com objetivos de lutar contra os problemas sociais e de fortalecer a comunidade, utilizando-se, para tanto, da arte, da cultura e da formação política.

Entre as principais atividades desenvolvidas pelo grupo, estão a inserção e a utilização do grafismo para criar uma nova identidade local e dar voz às angústias cotidianas, transformando as fachadas dos casarões históricos, em sua grande maioria, tombados e abandonados pelos órgãos públicos, em palanque, em lugar possível de materializar seu discurso.

¹Segundo Ribeiro (2018), o termo gentrificação (do inglês *gentrification*) surge na década de 60 do século XX, na obra de Ruth Glass, em referência às mudanças ocorridas na cidade de Londres, especialmente nas regiões habitadas pela classe operária, como Islington.

Segundo Orlandi (2009, p. 16), a Análise do Discurso tem sua metodologia própria. Não se opera como os linguistas que trabalham com a língua fechada nela mesma, pelo contrário, trabalham com o discurso concebido como objeto sócio-histórico em que o linguista intervém como pressuposto, trabalhando com a história e a sociedade intercambiadas e interligadas com os fatos que elas significam.

Conforme se afirmou anteriormente, pretende-se aqui empreender a análise três faixas de grafites, produzidas pelo Centro Cultural Que Ladeira é Essa, utilizadas para manifestar sua insatisfação durante as atividades culturais propostas por este coletivo. A análise a que se propõe realizar estará ancorada na Teoria da Análise do Discurso de linha francesa filiada a Pêcheux (2014), bem como estudos de Orlandi (1998) para quem a significação emerge de um processo interdiscursivo, como forma de compreender até que ponto esses nuances se encontram para (re)significarem. Por isso, para explicar o discurso, necessário se faz conhecer as condições de constituição do grupo no qual ele funciona.

Em função disso, buscou-se registrar em fotografias as faixas para que fosse possível documentar como elas dialogam discursivamente com o contexto que estão inseridas. Na análise, busca-se ainda explicar os fenômenos discursivos, através de uma abordagem qualitativa, empregandoas pesquisaspaticipativa– pela vivência da pesquisadora com o *corpus* – e explicativa – com registro e análise dos fenômenos, identificando suas causas, através de interpretação e descrições.

3. Os grafites: breves considerações

Trazido da Europa, o grafite emerge no Brasil na década de 60 do século XX, como forma de driblar a censura imposta pela ditadura militar. Viabilizado pelo rápido registro de suas ideias com uso da tinta *spray*, foi empregado principalmente para romper as barreiras do silenciamento nas manifestações nos centros das capitais, com frases de ordem em muros, em monumentos e em faixas.

No ano de 1990, o grafite ganha mais cores e imagens, trazendo novas intensidades e contornos estéticos e, conseqüentemente, mais aceitação por parte da sociedade. Contudo, para outros segmentos da sociedade, continuou sendo rotulado como vandalismo, como crime praticado contra o patrimônio público. Em função disso, em vários espaços urbanos, muitos grafites foram encobertos com uma camada de tinta cinza,

apagando o discurso daqueles que gritavam contra a estrutura hegemônica e a imposição do lugar social para aqueles sujeitos que se encontram marginalizados, escrevendo outro, o do silenciamento de vozes.

Atualmente, o grafite pode ser considerado um dos maiores representantes do discurso urbano, por sua função comunicadora, veiculando sempre mensagens de cunho social e, sobretudo, pelo lugar de produção, a rua. As paredes, os muros e as fachadas de vias públicas servem de suporte para materialidade de seus discursos.

Enquanto gênero linguístico é um grito social, que denuncia várias formas de exclusão. Provoca inversão cultural, social e histórica. Utilizado para expressar, através das artes visuais, críticas e inconformidades com as questões sociais vigentes nos espaços que ocupam, instalou-se como um movimento de contracultura, cujas representações ecoam a resistência e o afrontamento daqueles que se encontram à margem da sociedade.

Os grafiteiros são seres sociais e cidadãos que denunciam, por meio de sua arte, problemáticas comuns as suas origens, maioritariamente periférica. Utilizam-se dessa linguagem como arma contra as produções hegemônicas daqueles que cerceiam seus direitos os silenciam. A arte é seu megafone para proclamar discursos representantes do contexto social onde o grafite é produzido. A arte do grafiteiro, por meio da exposição de sua obra em local público, revela outras realidades que se encontram encobertas. É o uso estratégico da criatividade na criação para fazer ecoar vozes silenciadas. Nesta direção, Orlandi (2009) afirma que

Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes. (ORLANDI, 2009, p. 37)

A comunidade da Ladeira da Preguiça utiliza-se do grafite para confecção de faixas, a maioria delas com a colaboração do grafiteiro Júlio Costa, fundador do MUSAS – Museu de Street Arte de Salvador, coletivo que, através de ações de pintura e grafite, transformam as realidades físicas das localidades periféricas que intervêm.

A produção de grafites nas faixas apresenta a possibilidade de deslocamento físico e, conseqüentemente, do próprio discurso, uma vez que as mesmas, produzidas em um determinado contexto e com uma intencionalidade específica, poderão ser recolocadas em outros espaços,

convidando transeuntes outros à leitura e à interação, gerando efeitos de sentidos muito subjetivos, não havendo domínio sobre o seu alcance e espaço, principalmente por sua colocação ser em vias públicas, sem controle dos enunciatários. Logo, os signos linguísticos transcritos nas faixas podem ter múltiplas significação e subjetivação.

4. *Análise das faixas*

A cidade como suporte e as faixas grafitadas como manifestação-compõem diálogos urbanos e registro material de expressão. Daí a relevância de se empreender a análise de discursos produzidos por atores sociais, em situações determinadas. Tais discursos revelam as estruturas inconscientes ou não da linguagem.

No momento, são analisadas três faixas produzidas em períodos distintos, focando as condições de produções e os possíveis efeitos de sentido dos grafites.

Antes, porém, cabe advertir que as inferências aqui apresentadas não podem ser classificadas como finais ou únicas, tendo em vista que, como qualquer exercício de leitura, resultam em variáveis efeitos de sentido, quanto forem diferentes os seus enunciatários, o *locus* e o *Cronos*. O que aqui se apresenta consiste em um gesto de análise, ou seja, são leituras do sujeito analista, em um recorte de tempo e espaço, que podem sofrer variações a partir novas significações interdiscursivas e da Formação Ideologia em que se encontra asujeitado.

Faixa 1: Bahia Marina “A Praia da Preguiça é nossa”



Foto 1: Isabela Reis.

Fonte: Arquivo pessoal.

A faixa 1 foi produzida em janeiro de 2018, para ser utilizada em uma festa denominada de “Banho de Mar a Fantasia”, evento tradicional da comunidade que surgiu na década de 30 do século XX para celebrar o carnaval no bairro. A festa teve sua realização suspensa por quase trinta. Em 2013, o Centro Cultura Que Ladeira é Essa resgata a festa que passa a acontece todos os anos, no domingo antes do carnaval.

Atualmente a festa “Banho de Mar a Fantasia” é reconhecida pela imprensa baiana com um dos mais tradicionais festejos de rua, por levar um quantitativo expressivo de pessoas a ocuparem os espaços públicos e celebrarem os festejos que comumente antecipam o carnaval baiano. A realização desta festa é uma oportunidade ímpar para que parte da população que vive em outras regiões da cidade tenha oportunidade de conhecer a realidade enfrentada diariamente pela comunidade que vive no local, especialmente o medo de perder um dos poucos espaços de entretenimento, lazer e de obtenção de renda.

A Praia da Preguiça fica localizada entre o Comércio e a Avenida Contorno. Consiste em uma pequena faixa de areia. A pesar de ser pequena tem enorme valor afetivo, cultural e econômico para aqueles que vivem nos arredores. É território, é marca de identidade da comunidade. Entretanto, a região se encontra na eminência de ser fechada pela Bahia Marina, que pretende usá-la com exclusividade como atracadouro de luxuosas embarcações. Caso isso ocorra, a comunidade da Ladeira da Preguiça, por exemplo, não poderá usufruir do único entretenimento gratuito ao ar livre e nem realizar a própria festa, porque é nesta praia que ocorre o encerramento do cortejo e o anunciado banho de mar.

Ao analisar a faixa, percebe-se a relação de pertencimento com o lugar, bem como o temor de perdê-lo. Observa-se a presença do item lexical “nossa”, pronome possessivo, indicando a posse, o pertencimento e, conseqüentemente, a relação afetiva com o espaço. A utilização da cor azul, por resgatar na Memória Discursiva a tonalidade da água, assim como sua essencialidade.

Para aqueles que vivem na Ladeira da Preguiça, perder o direito de frequentar a praia da Preguiça é perder a sua única opção de lazer, é deixar de se manifestar a sua cultura, é perder o espaço livre, seguro e gratuito de convivência social de suas crianças, é seus filhos perderem sua a infância. Em síntese, perder esse espaço é perder um direito que lhes foi assegurado por lei, conforme conta no artigo 227 da Constituição:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, **ao lazer**, à profissionalização, **à cultura**, à dignidade, ao respeito, **à liberdade e à convivência familiar e comunitária**, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)(**Negrito Nosso**)

O sujeito discursivo mostrado na faixa é reivindicador, consciente e coletivo. Este sujeito demonstra a sua insatisfação com a situação, manifestando o seu descontentamento e ao mesmo tempo em que reivindica seus direitos ao lazer e ao bem público, que estão em ameaça em função de um projeto de privatização de um espaço público em detrimento do interesse de uma minoria.

Faixa 2: Coelba, GVT, Vivo, Claro e Oi, vocês fazem esse trabalho sujo no Corredor da Vitória?

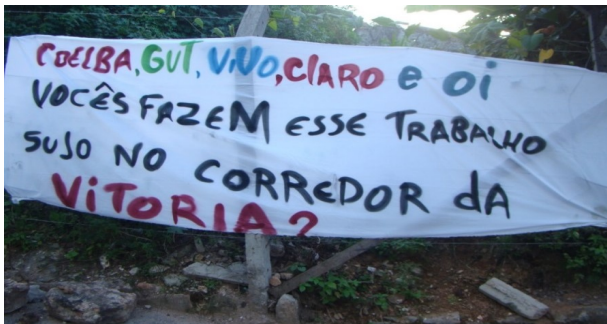


Foto 2: Isabela Reis.
Fonte: Arquivo pessoal.

A faixa dois foi produzida para uma visita guiada pela comunidade, como atividade que integrou a programação do Fórum Social Mundial 2018, ocorrida no dia 14 de março. Na programação local, constava em seu roteiro: visitas às casas abandonadas; roda de conversas com moradores; projeção de documentário “Nosso bairro é o Dois de Julho”; visita a praia da Preguiça; e atividade musical, como encerramento.

O objetivo da faixa era denunciar a descontentamento da comunidade com a má prestação dos serviços públicos, como, por exemplo, fornecimento de energia elétrica (Coelba) e telefonia e internet (GVT, Vivo, Claro e Oi). Para os moradores da região, o fornecimento deficitá-

rio ou o não fornecimento dos serviços públicos são práticas que caracterizam o racismo institucional, tendo em vistas as características da localidade e o fenótipo de seus moradores.

Lê-se na faixa: Coelba, GVT, Vivo, Claro e oi / vocês fazem esse trabalho sujo no corredor da Vitória? Observa-se nela a presença da comparação entre a comunidade da Preguiça e um bairro nobre da capital (Vitória)

Há de observar ainda as cores utilizadas na grafia das palavras constantes na faixa, para destacar as empresas e o bairro. O uso da cor preta no trecho que questiona “vocês fazem esse trabalho sujo no corredor da”, interdiscusivamente representa a cor dos grafites de protesto, revelando um sujeito discursivo questionador, que não aceita ser discriminado e ter a sua cidadania negada.

Faixa 3: Pelo fim da violência policial, contra negros pobres.



Foto 3: Isabela Reis.
Fonte: Arquivo pessoal.

A faixa três foi produzida quando de uma visita guiada, ocorrida no primeiro dia do mês de dezembro de 2018, cujo tema era “O Processo de Gentrificação na Ladeira da Preguiça e a Expressão do Racismo”. Integrante da Virada Sustentável Salvador 2018, evento que ocorre durante dois dias em vários locais da cidade.

O objetivo da atividade, na comunidade, era de alertar sobre as violências sofridas pelos agentes públicos de segurança, com relatos reais de atuações truculentas nas abordagens e ações de guardas-municipais e da polícia Militar da Bahia. Muitos são vítimas de abordagens violentas,

normalmente em função do fenótipo e da vestimenta dos jovens periféricos de Salvador.

A faixa resgatou, na memória social desta comunidade, as ações sofridas através do poder do estado, que utiliza da força para reprimir seus moradores, reafirmando que isto só ocorre pela condição social e étnica destes – pobres e na grande maioria negros. Encontra-se cristalizado o estereótipo de marginal para quase todos aqueles que não se encontram dentro dos parâmetros da cultura eurocêntrica.

Há de se observar ainda na faixa três, a utilização da cor vermelha e azul na cor branca da faixa, mesmas cores da bandeira do estado da Bahia, que em seu interdiscurso simbolizava a Revolta dos Alfaiates, que foi um movimento de caráter popular em que se defendiam a independência e fim da escravidão, na capital baiana nos anos finais do século XVIII. Desde modo, podemos relacionar o discurso a uma Formação de Discursiva de enfrentamento, com a manifestação do sujeito discursivo discriminado, violentado e marginal.

5. Considerações Finais

O grafite é um registro do cotidiano e da cultura local. Assim como a literatura, também é um gênero linguístico. Sua leitura fornece elementos para uma análise contemporânea, que o conceba como objeto simbólico produtor de sentido, com características conceituais e estéticas próprias. Como enunciado, reflete questões sobre o contexto sócio histórico no qual foram produzidos, assim como o “vozemaneto” periférico, que socialmente ainda sofre tentativas de silenciamento, sobretudo porque ainda sofre discriminação.

Manifesta-se como prática contra hegemônica dos lugares de produções dos dizeres. Um contra discurso que rompe o silenciamento e a relação do público e privado, para tanto, utiliza-se da linguagem artística, para dizer o não dito, e ganhar novas significações a partir de cada leitura empreendida.

O seu espaço de dizer é aberto e acessível para aqueles que se permitem olhar, seus receptores podem ser múltiplos. Segundo Sobral e Santana Neto (2013, p. 80) são “[...] formas de apropriação de um espaço para manifestação pessoal ou coletiva, normalmente uma forma de protesto, de denúncia de exclusão social”.

O grafite como linguagem reflete contextos sociais nos quais estão inseridos, pois seus autores – os grafiteiros – são sujeitos históricos, interpelados ideologicamente pelas condições de produção, determinadas por fatores históricos, políticos, econômicos de sua época. Assim sendo, as faixas aqui analisadas apartam para as condições de produção dos dizeres nelas contidos, revelando a realidade social da comunidade da Ladeira da Preguiça e bem como a posição dos sujeitos dos dizeres frente a problemática social a que estão submetidos. Segundo Orlandi (2009, p. 40), a língua além de instrumento de comunicação é instrumento de poder.

Deste modo, destaca-se a relevância do grafite para comunidade, não só como instrumento que dá voz e garante o lugar de fala, mas, como um registro escrito das produções linguísticas desse grupo social, marginalizados, que encontram na arte de rua um palanque para denunciar as mazelas a que estão submetidos e ao mesmo tempo instrumento de resgate da memória individual e coletiva. Por isso, o grafite pode ser considerado linguagem de uma memória social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BENVENISTE, Émile. *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*. In: Problemas de Linguística geral II. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989. p. 83-104

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguística: o que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli et al. São Paulo: EDUSP, 1998. Coleção Clássicos 4.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Ementa constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm. Acessado em: 08 jul. 2019.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas-SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil. In: *Revista de Direito da Cidade*. vol. 10, nº 3. p. 1334-1356. 2018. Disponível em: <fi-

le:///C:/Users/conce/Downloads/31328-122563-1-PB.pdf>. Acessado em 13 ago. 2019.

SOBRAL, Gilberto Telles; SANTANA NETO, João de (Org.). *Salvador em Discurso: estudo discursivo*. Feira de Santana, BA: EDUEFS, 2013.